

Lucas 9.23–27: Negue-se a si mesmo e siga-me

Seguir Jesus exige renunciar ao governo de si mesmo, assumir diariamente as implicações da fidelidade a Cristo e reconhecer que a verdadeira vida somente é encontrada quando deixamos de viver para nós mesmos.

Objetivo

Levar o discípulo a compreender que o discipulado não consiste apenas em acrescentar Jesus à vida que já possui, mas em submeter toda a existência ao senhorio de Cristo, aprendendo a viver diariamente sob a lógica da cruz.

Mensagem central

O verdadeiro discípulo deixa de viver sob o governo de si mesmo, toma diariamente sua cruz e segue Jesus, porque somente em Cristo a vida que parece perdida é verdadeiramente encontrada.

Introdução

O que você responderia se fosse convidado a abraçar um instrumento de tortura e morte?

Poucas palavras de Jesus foram tão conhecidas e, ao mesmo tempo, tão facilmente domesticadas quanto a expressão “tome a sua cruz”. No uso cotidiano, quase qualquer dificuldade pode receber esse nome. Uma enfermidade, um relacionamento complicado, uma limitação financeira ou uma situação desagradável passa a ser chamada de “minha cruz”. Algumas dessas experiências realmente fazem parte dos sofrimentos pelos quais Deus nos forma. Não é esse, porém, o sentido principal das palavras de Jesus em Lucas 9.

Quando Jesus falou sobre carregar uma cruz, seus ouvintes não pensaram primeiro em uma metáfora religiosa. A cruz pertencia ao mundo brutal da execução romana. Estava associada à condenação, à vergonha, à submissão e à morte. Um homem caminhando para a crucificação não ia resolver um inconveniente da vida. Seguia por um caminho do qual não esperava retornar.

É essa imagem que Jesus coloca no centro do discipulado. E a coloca porque o maior obstáculo para seguir Cristo não está necessariamente nas coisas que possuímos, nas pessoas que conhecemos ou nas circunstâncias

que enfrentamos. Existe um obstáculo muito mais próximo: nós mesmos. Podemos abandonar algumas coisas sem abandonar o governo da própria vida. Podemos servir, frequentar a igreja, estudar a Bíblia, assumir responsabilidades ministeriais e ainda organizar toda a existência ao redor dos nossos desejos, da nossa reputação e dos nossos interesses.

Por isso Jesus não diz apenas: “abandone algumas coisas”. Diz: “negue-se a si mesmo”, negue sua filosofia, suas vontades. O discipulado alcança o centro da identidade humana. Jesus não está convocando pessoas para acrescentarem uma prática religiosa à agenda. Está chamando pecadores para uma nova existência na qual ele se torna Senhor.

A pergunta deste texto, portanto, não é simplesmente quanto estamos dispostos a sacrificar por Jesus. A pergunta é mais profunda: *quem governa a nossa vida?*

As palavras de Lucas 9.23–27 não aparecem isoladamente. São pronunciadas imediatamente depois de um dos momentos mais importantes do ministério de Jesus.

Ele pergunta aos discípulos: “Mas vós, quem dizeis que eu sou?” Pedro responde: “És o Cristo de Deus” (Lc 9.20).

A resposta está correta. Jesus é o Messias. O problema é que os discípulos ainda precisam aprender que tipo de Messias ele é.

Logo depois da confissão de Pedro, Jesus anuncia: “É necessário que o Filho do Homem sofra muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e escribas, seja morto e, no terceiro dia, ressuscite” (Lc 9.22). Essa sequência é essencial para compreender o discipulado. Primeiro Jesus revela o caminho do Messias. Depois revela o caminho do discípulo. O Messias sofrerá, será rejeitado, morrerá e ressuscitará. Então diz: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me” (Lc 9.23).

O discípulo não recebe uma cruz independente da cruz de Cristo. É chamado a seguir um Messias cujo caminho passa pela cruz.

Narrativa e contextualização

Lucas situa a passagem no contexto da crescente revelação da identidade de Jesus. Os discípulos já haviam testemunhado curas, libertações, autoridade sobre a natureza e a multiplicação dos pães. Pedro acabara de confessar que Jesus era o Cristo de Deus. Seria compreensível imaginar que o próximo passo fosse a manifestação pública do poder messiânico. Jesus, porém, começa a falar sobre sofrimento e morte.

Isso confrontava expectativas que associavam a chegada do Reino à vitória visível sobre os inimigos e à restauração imediata de Israel. Jesus não nega a vitória do Reino. Revela que ela chegará por um caminho que os discípulos ainda não compreendiam: o Messias vencerá passando pela rejeição e pela morte.

Nesse contexto, a cruz era uma imagem perturbadora. A crucificação era uma forma romana de execução pública, associada à humilhação e à demonstração do poder imperial. O condenado era exposto diante da sociedade como alguém derrotado e submetido a Roma. Quando Jesus fala sobre tomar a cruz, portanto, seus ouvintes ainda não possuem a interpretação cristã posteri-

or da cruz como símbolo ornamentado de fé. Escutam a linguagem de morte e vergonha.

Lucas acrescenta um detalhe decisivo à formulação: “dia a dia”. O discipulado possui um início, mas não termina nele. Existe uma decisão fundamental de seguir Cristo, porém essa decisão precisa manifestar-se repetidamente na vida cotidiana. A sequência das palavras de Jesus apresenta uma progressão clara: negar a si mesmo, tomar diariamente a cruz e seguir Cristo.

Em seguida, Jesus explica por que essa aparente perda é, na verdade, o caminho da vida: “Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará” (Lc 9.24). O paradoxo está no coração do texto. Quem vive desesperadamente para preservar a si mesmo termina perdendo aquilo que tentou salvar. Quem entrega a vida a Cristo encontra nele aquilo que jamais poderia produzir sozinho.

Jesus não está exaltando o sofrimento pelo sofrimento, também não está ensinando desprezo pela própria existência. Está revelando que existem duas maneiras

radicalmente diferentes de viver: uma existência organizada ao redor da preservação de si mesmo e uma existência reorganizada ao redor de Cristo. Por isso o texto nos conduz por três movimentos inseparáveis: *renunciar ao governo de si mesmo, assumir diariamente a cruz e reconhecer que somente em Cristo encontramos a vida que não podemos salvar por nossas próprias mãos.*

1. O discípulo renuncia ao governo de si mesmo (9.23)

Jesus começa dizendo: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue”.

A expressão precisa ser compreendida corretamente. Negar a si mesmo não significa desenvolver ódio pela própria pessoa. Jesus não está defendendo autodesprezo, destruição da personalidade ou abandono irresponsável das necessidades legítimas da vida. A Escritura reconhece a dignidade da pessoa criada à imagem de Deus e não transforma a autodepreciação em virtude. Negar a si mesmo significa recusar ao “eu” o direito de ocupar o trono.

O problema fundamental do pecado não é apenas que fazemos determinadas coisas erradas. O pecado reorganiza a existência ao redor de nós mesmos. Queremos decidir autonomamente o que é bom, quais desejos devem governar nossas escolhas, quais mandamentos obedeceremos e quais condições Deus precisará satisfazer para receber a nossa fidelidade. O discipulado confronta essa autonomia. Quando Jesus diz “negue-se”, atinge a reivindicação mais profunda do coração humano: “Minha vida pertence a mim”.

O evangelho responde: não pertence. Paulo desenvolverá essa verdade ao escrever aos coríntios: “não sois de vós mesmos”, porque “fostes comprados por preço” (1Co 6.19–20). O cristão pertence àquele que o redimiu. É possível perceber como essa verdade diferencia discipulado de simples religiosidade. A religiosidade pode incorporar Deus ao projeto pessoal. O discipulado entrega o projeto pessoal ao governo de Deus. Uma pessoa religiosa pode perguntar: “Como Jesus pode ajudar-me a alcançar a vida que desejo?” O discípulo aprende a perguntar: “Que vida Jesus deseja formar em mim?” A mu-

dança parece pequena na linguagem; é imensa na prática.

Robert Coleman, ao refletir sobre o modo como Jesus formou os Doze, chama atenção para o fato de que Cristo não procurava apenas transmitir informações. Convocava pessoas para acompanhá-lo e reorganizar a existência ao redor dele. O discipulado acontece em relacionamento com o Mestre e sob a sua autoridade. Essa submissão alcança áreas muito concretas: sexualidade, relacionamentos, dinheiro, agenda, ambições, ministério, a maneira como reagimos quando somos contrariados e aquilo que fazemos quando ninguém está observando. Negar a si mesmo significa reconhecer que nenhuma área permanece fora do senhorio de Jesus.

Aplicação: Talvez uma das perguntas mais reveladoras do discipulado seja esta: em qual área da minha vida tenho maior dificuldade de permitir que Cristo governe e diga “não”? Frequentemente descobrimos nossos verdadeiros senhores quando os desejos são contrariados. Enquanto Jesus confirma aquilo que desejamos, é relativamente fácil chamá-lo de Senhor. A profundidade da

submissão aparece quando a sua Palavra confronta as nossas preferências.

O discípulo não é alguém que deixou de ter desejos, seus desejos foram redimidos, isto é, reordenados. É alguém que deixou de considerar seus desejos prioridade e autoridade final. Isso não acontece perfeitamente de uma vez. Faz parte da formação contínua. Existem áreas que entregamos rapidamente e outras nas quais descobrimos resistências que não imaginávamos possuir. É precisamente aí que o discipulado precisa continuar trabalhando. Negar a si mesmo é retirar o “eu” do centro. Jesus, porém, não termina aí. A renúncia interior precisa assumir forma concreta na caminhada diária.

2. O discípulo assume diariamente a lógica da cruz (9.23)

Jesus continua: “dia a dia tome a sua cruz e siga-me”. Lucas preserva aqui uma expressão particularmente importante: “dia a dia”. O discipulado não é sustentado apenas pela memória de uma decisão passada ou momentânea. Possui uma dimensão diária, é um processo.

Isso significa que a cruz não aparece somente em momentos extraordinários de perseguição ou martírio. A lógica da cruz precisa penetrar a vida comum e se tornar uma atividade diária.

Naquele mundo, tomar uma cruz significava caminhar sob a marca da condenação, pois a cruz era um instrumento de vergonha para aquele que carregava, além disso, era instrumento de tortura e morte. A imagem comunica uma renúncia radical ao direito de preservar a própria vida a qualquer custo. Isso não significa que todo cristão será literalmente martirizado. Significa que todo discípulo precisa possuir uma fidelidade que não termina quando obedecer se torna doloroso. A cruz destrói a ideia de um discipulado construído ao redor da conveniência e do conforto.

Seguimos Jesus quando somos reconhecidos e quando somos ignorados; quando obedecer produz benefícios e quando produz perdas e é desconfortável; quando somos compreendidos e quando somos mal interpretados; quando a fidelidade é celebrada e quando nos coloca em conflito com os valores do ambiente ao nosso redor.

Tomar a cruz diariamente significa permitir que a fidelidade a Cristo seja mais importante do que a autopreservação.

Dietrich Bonhoeffer percebeu com clareza essa relação entre graça e discipulado. Para ele, o chamado de Cristo não pode ser separado da obediência concreta. A graça não transforma Jesus em acessório religioso; coloca-nos sob o senhorio daquele que nos chama.

Precisamos, porém, fazer uma distinção importante. Nem todo sofrimento é cruz. Uma consequência produzida pela nossa imprudência não se transforma automaticamente em sofrimento por Cristo, essa não é a ideia aqui e este pressuposto é condenável em Provérbios e nas cartas de Paulo. Uma dificuldade causada por pecado pessoal não deve ser romantizada como perseguição ou amor a Cristo, pois o pecado nunca glorifica a Deus. Tampouco uma enfermidade, por si mesma, causada por descuido pessoal corresponde necessariamente ao significado específico de “tomar a cruz” nesta passagem. A cruz está ligada a seguir como modelo. É sofrimento, renúncia ou perda assumidos porque pertencemos a

Cristo, escolhemos o que ele escolheria, e escolhemos permanecer fiéis a ele seguindo seu modelo.

Pedro expressará posteriormente essa distinção ao advertir que ninguém deveria sofrer como assassino, ladrão, malfeitor ou alguém que se intromete nos negócios alheios, mas que não deveria envergonhar-se se sofresse como cristão (1Pe 4.15–16). A cruz do discípulo, portanto, não é a glorificação da dor. É a disposição de obedecer mesmo quando a obediência é desconfortável.

Aplicação: A palavra “diariamente” impede que transformemos discipulado em entusiasmo passageiro. Há pessoas capazes de grandes decisões em momentos emocionantes, mas que encontram enorme dificuldade nas pequenas fidelidades repetidas. É relativamente fácil declarar publicamente que seguiríamos Cristo até a morte. Mais difícil pode ser morrer para o orgulho durante uma discussão em casa; para a necessidade de reconhecimento quando outra pessoa recebe os elogios; para uma vantagem financeira quando ela exige desonestidade; para o ressentimento quando Cristo ordena perdão; para uma ambição ministerial quando ela começa a

competir com a saúde da igreja; para a própria vontade quando a Escritura aponta outra direção. É nesse cotidiano que a cruz deixa de ser apenas símbolo e se torna padrão de existência.

As disciplinas espirituais também participam dessa formação. Donald Whitney chama atenção para a necessidade de práticas deliberadas que nos colocam repetidamente diante de Deus e de sua Palavra. Elas não compram graça, mas ajudam a ordenar a vida de quem foi alcançado pela graça. O discípulo aprende diariamente e em cada tarefa da vida a dizer constantemente: “Cristo é Senhor”.

Surge, então, uma pergunta importante: por que alguém aceitaria viver nestas condições? Jesus responde mostrando que aquilo que parece perda diante do mundo pode ser o único caminho para encontrar a verdadeira vida.

3. O discípulo perde a vida para encontrá-la em Cristo (9.24–27)

Jesus apresenta um dos grandes paradoxos do evangelho: “Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará” (Lc 9.24). Nossa tendência natural é preservar segurança, reputação, controle, conforto e sonhos. Jesus afirma que uma existência organizada exclusivamente ao redor dessa preservação termina em perda. Então formula uma pergunta devastadora: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo?” (Lc 9.25).

Jesus coloca na balança o mundo inteiro e uma única vida. Imagine, por um instante, que uma pessoa conseguisse aquilo que ninguém jamais conseguiu: possuir tudo: reconhecimento, dinheiro, influência, prazer, poder e sucesso. Mesmo assim, existe algo que o mundo inteiro não pode comprar: reconciliação com Deus e vida eterna. Essa pergunta desmonta nossas escalas de valor. Vivemos frequentemente como se a grande tragédia fos-

se perder dinheiro, oportunidades, posição ou reconhecimento. Jesus diz que existe uma perda incomparavelmente maior: ganhar aquilo que o mundo oferece e perder a própria vida diante de Deus.

Por isso, “perder a vida” por causa de Cristo não significa desperdiçá-la. Significa entregá-la àquele que pode salvá-la e lhe conferir um novo significado. Jim Elliot, missionário morto no Equador no século XX, tornou conhecida uma formulação que expressa bem essa lógica: não é insensato entregar aquilo que não podemos conservar para receber aquilo que não podemos perder. Essa é precisamente a matemática do Reino. O mundo pergunta: “Quanto você conseguiu preservar?” Jesus pergunta: “A quem sua vida pertence?” O mundo pergunta: “Quanto você conquistou?” Jesus pergunta: “O que acontecerá quando tudo aquilo que conquistou não puder acompanhá-lo?”.

Então Jesus acrescenta aquilo que chamamos de dimensão escatológica: “Porque qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua glória e na

do Pai e dos santos anjos” (Lc 9.26). O discipulado está orientado para o futuro. O discípulo vive hoje à luz do dia em que Cristo será publicamente reconhecido como Senhor. Isso muda profundamente a nossa relação com a aprovação humana. Podemos sentir vergonha de Cristo quando confessá-lo possui custo social ou desconforto de qualquer tipo. Podemos suavizar as suas palavras para sermos aceitos. Podemos esconder convicções quando elas se tornam impopulares. Jesus coloca a opinião humana dentro de uma perspectiva maior. Existe um tribunal acima de todos os outros, uma glória acima de todas as outras, uma aprovação mais importante do que qualquer reconhecimento terreno.

Aplicação: Precisamos perguntar qual o grau de importância para nós em perder dinheiro, posição, relacionamentos, oportunidades, aprovação. Nosso medo ou o grau elevado dele revela frequentemente aquilo que consideramos indispensável. Jesus não promete que o discípulo conservará todas essas coisas que tem sim alguma importância. Promete algo maior. Aquele que perde a vida por causa dele a salvará. O discipulado não é uma

caminhada em direção ao vazio. É uma caminhada em direção à vida. Quando compreendemos isso, a renúncia muda de significado. Não estamos abandonando um tesouro para receber nada. Estamos deixando aquilo que não pode nos salvar para receber aquele que já nos salvou.

O Evangelho e o Messias no texto

O centro desta passagem não é a cruz do discípulo. Antes dela está a cruz de Cristo. Essa ordem não pode ser invertida.

No versículo anterior, Jesus havia anunciado que “é necessário que o Filho do Homem sofra muitas coisas, seja rejeitado [...] seja morto e, no terceiro dia, ressuscite” (Lc 9.22). Somente depois disso ele diz: “tome a sua cruz”. Jesus não aponta para uma estrada que se recusa a percorrer. Vai primeiro. O discípulo carrega uma cruz porque segue aquele que carregará a cruz definitiva.

Existe, porém, uma diferença importante entre as duas. Nossa cruz não redime ninguém; a cruz de Cristo redime pecadores. Nossa renúncia não remove nossa

culpa; a morte de Cristo é que realiza a expiação. Nosso sofrimento não compra reconciliação com Deus, pois somos pecadores e imperfeitos; Cristo sofre em favor do seu povo e abre o caminho da reconciliação, por ser Ele a expressão máxima da perfeição. Essa distinção protege o discipulado de transformar-se em religião meritória. Não tomamos a cruz para sermos aceitos por Deus. Tomamos a cruz porque fomos chamados por aquele que foi Crucificado antes de nós. Não negamos a nós mesmos para pagar os nossos pecados. Cristo pagou por eles. Não perdemos a vida para comprar a vida eterna. Recebemos a vida pela graça e, justamente por isso, deixamos de viver como proprietários e governantes de nós mesmos.

Há ainda uma beleza profunda no paradoxo apresentado por Jesus. O homem tenta salvar a própria vida e a perde. Cristo entrega voluntariamente a sua vida e, por sua morte e ressurreição, salva aqueles que jamais poderiam salvar a si mesmos. Ele realizará perfeitamente aquilo que seus discípulos jamais conseguiriam realizar. Não recuará. No Getsêmani, diante da proximidade da cruz, orará: “não se faça a minha vontade, e sim a tua”

(Lc 22.42). Aqui está a perfeita negação de si mesmo: não a negação da sua identidade, mas a submissão integral à vontade do Pai. Ele será rejeitado, humilhado, crucificado. Morrerá. E ressuscitará.

Por isso o chamado para perder a vida não termina no túmulo. A cruz do cristianismo sempre precisa ser compreendida à luz da ressurreição. Seguimos um Cristo crucificado, mas seguimos um Cristo ressuscitado. Isso significa que nenhuma renúncia feita por fidelidade a ele é a palavra final, nenhuma perda sofrida por causa do Reino é definitiva, nenhuma morte em Cristo termina em morte de fato.

O evangelho transforma a lógica da autopreservação porque o discípulo sabe que a sua vida está guardada em alguém que venceu a morte. Podemos deixar de tentar salvar a nós mesmos porque Cristo nos salva. Podemos deixar de construir a nossa identidade porque ela está nele. Podemos abrir mão da aprovação humana porque fomos recebidos pela graça. Podemos enfrentar perdas porque possuímos uma herança eterna e que não pode

ser destruída. Podemos tomar a cruz porque sabemos que depois da cruz existe ressurreição para vida eterna.

Assim, o discipulado não é uma celebração da morte. É a caminhada de pessoas que descobriram onde está a verdadeira vida.

Conclusão

No início perguntamos quem governa a nossa vida. Jesus responde colocando três realidades diante de nós: negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me.

O verdadeiro discípulo não acrescenta Jesus a uma vida que continua sendo governada pelo próprio “eu”. Entrega o governo. Também não toma a cruz uma única vez. Aprende diariamente a escolher a fidelidade quando seria mais fácil preservar conforto, reputação, interesses ou controle. E faz isso porque descobriu o paradoxo do evangelho: quem tenta salvar a vida longe de Cristo finalmente a perde; quem entrega a vida a Cristo encontra nele aquilo que o mundo inteiro jamais poderia oferecer.

O chamado é radical porque aquele que chama possui autoridade absoluta. Também é um chamado cheio de graça, porque aquele que diz “siga-me” já caminhou para a cruz onde deu a própria vida pelos seus discípulos.

Negar a si mesmo não significa descobrir que a nossa vida não possui valor. Significa descobrir que ela possui valor demais para continuar sendo vivida para nós mesmos. O discípulo toma diariamente a sua cruz porque encontrou em Cristo uma vida que vale mais do que o mundo inteiro.